

BLOCO DE NOTAS Alexandra Prado Coelho

O PRAGMATISMO DE BRAHIMI

Lakhdar Brahimi, o enviado especial da ONU que ajudou a formar o governo de transição no Iraque, é um pragmático. É assim que a *Atlantic Online* descreve o homem que assumiu um papel central na resolução de algumas das principais crises internacionais dos últimos tempos. Muitos poderão já não se lembrar, mas foi Brahimi quem negociou os acordos de paz no Líbano, que puseram termo a uma longa guerra civil. Logo aí revelou o seu pragmatismo, ao mostrar-se disposto a negociar com os bad guys, escreve Laura Secor no artigo da *Atlantic Online*. A lógica, foi o próprio quem a explicou: «Não vim ao Líbano para conhecer as boas pessoas. Vim para me encontrar com estes bandidos. As boas pessoas estão sentadas em Paris». Voltou a aplicar a mesma lógica no Afeganistão, e não lhe pouparam críticas por isso. Foi por pressão de Brahimi que os senhores da guerra afegãos foram incluídos no processo político após a queda dos talibãs. Secor descreve o diplomata argelino como alguém que «não acha que a sua tarefa seja criar novas democracias ou impor visões externas a sociedades relutantes. Pelo contrário, é um realista determinado, que respeita e comprehende o poder». No Afeganistão, disse o próprio Brahimi, assegurar a paz e a estabilidade era uma prioridade maior do que garantir a justiça. Uma teoria que, segundo Secor, já não aplicou da mesma forma no processo iraquiano. ■



A DUOCRACIA ISRAELITA

O analista israelita Aluf Benn fez recentemente no *Ha'aretz* uma leitura curiosa das relações de poder nas mais altas esferas políticas do Estado judaico. «Durante os 56 anos da sua existência», escreve Benn, «Israel desenvolveu um sistema de governo único: a duocracia». Trata-se de um sistema que, embora não conste na Constituição ou nos manuais de ciência política, é aplicado na prática, e com bastante sucesso: no topo está o primeiro-ministro e o seu principal rival político, ao qual é confiado um ministério importante, e a política é definida a partir de um compromisso entre os dois. Segundo Benn, o sistema nasceu nos anos 50, na altura de David Ben-Gurion e Moshe Sharett, que ocupavam o poder de forma rotativa e divergiam quanto à política a adoptar em relação aos árabes. O equilíbrio quebrou-se em 1956, quando Ben-Gurion decidiu afastar Sharett do governo e lançar-se sozinho na Campanha do Sinai. Hoje, assiste-se a uma situação semelhante, com o primeiro-ministro Ariel Sharon e o seu principal rival, o ministro



das Finanças Benjamin Netanyahu, depois de já ter havido o período Yitzhak Rabin-Shimon Peres. «A duocracia é», afirma Benn, «uma quimera de estabilidade política, que nunca dura», mas, apesar disso, «não é o pior de todos os sistemas de governo possíveis». ■

UM «APARTHEID VIRTUAL» NAS ESCOLAS AMERICANAS



Um artigo do *The Nation* assinado por Jonathan Kozol critica o «apartheid virtual» que existe nas escolas norte-americanas, 50 anos depois do fim da segregação racial. Kozol cita o Harvard Civil Rights Project, segundo o qual «durante os anos 90, a proporção de alunos negros nas escolas maioritariamente brancas baixou para um nível inferior ao de qualquer ano desde 1968». Mas Kozol vai mais longe. Diz que nas muitas escolas urbanas que visitou os negros e os hispânicos são mais de 95% dos alunos, e que «já ninguém se dá sequer ao trabalho de fingir que estas escolas são de uma qualidade igual às frequentadas pelas crianças da maioria branca». Um exemplo: a educação pública das crianças do bairro negro de East Saint Louis, no Missouri, custa 8 mil dólares por ano, enquanto que a das de Lake Forest, um subúrbio maioritariamente branco de Chicago, custa cerca de 18 mil dólares. ■

AL-QAIDA, PAQUISTÃO E O NUCLEAR



O *Asia Times Online* alerta, num texto de Kaushik Kapisthalam, para o perigo que representa a «ligação nuclear esquecida entre o Paquistão e a al-Qaida». Ninguém pensa muito nisso, diz o autor, mas as possibilidades de um grupo islamista paquistanês ligado à al-Qaida vir a adquirir armas nucleares são bastante grandes. No final de 2001, os responsáveis americanos que investigavam as actividades de Osama bin Laden descobriram que este mantivera contactos com peritos nucleares paquistaneses. Esta pista e outra que surgiu posteriormente e que também ligava peritos nucleares paquistaneses à al-Qaida acabaram por «arrefecer», até porque, segundo Kapisthalam, o Paquistão enviou dois dos peritos envolvidos no caso para um «projeto de pesquisa» desconhecido na Birmânia. Geralmente crê-se que as armas nucleares paquistaneses estão seguras nas mãos do Exército, «a única instituição no Paquistão que está supostamente livre da influência da al-Qaida». Mas Kapisthalam tem dúvidas e recorda que o próprio Presidente Musharraf admitiu recentemente que alguns oficiais «juniors» tinham conspirado com terroristas da al-Qaida para o tentar assassinar. ■